

**AS BESTAS
ANTROPOMÓRFICAS DE
ÁLVARO CUNQUEIRO E
MIGUEL TORGA**

**Maria do Carmo Pinheiro e
Silva Cardoso Mendes**

Universidade do Minho

doi:10.17075/mucnoc.2014.042



1. INTRODUÇÃO

Na narrativa breve do escritor galego Álvaro Cunqueiro, os animais assumem um lugar destacado. O mesmo acontece em diversos contos do ficcionista e poeta português Miguel Torga, particularmente na colectânea *Bichos* (1940).

Nas obras de ambos, revela-se ainda idêntico fascínio pela descrição de vivências rurais em espaços impermeáveis ao desenvolvimento tecnológico. Em universos telúricos, analogamente influenciados por tradições ancestrais e crenças populares, Cunqueiro e Torga humanizam os animais —domésticos e selvagens— atribuindo-lhes capacidades de pensamento, de decisão, de interacção com os humanos e de substituição dos próprios seres racionais.

Os animais manifestam ainda, nas obras dos dois escritores, múltiplos sentimentos: liberdade, inconformismo com normas convencionais, sedução, rivalidade, cobiça e sofrimento pelo abandono a que os humanos os sujeitam.

Intentarei identificar os processos e os objectivos de humanização dos animais presentes nos contos de Cunqueiro e de Torga, dois escritores cuja vizinhança cronológica e geográfica e cujo apego às respectivas regiões natais —a Galiza e Trás-os-Montes— permite, creio, uma análise comparativa profícua.

2. DOS ANIMAIS E DOS HOMENS

Ao contrário do que se verifica na colectânea de Miguel Torga, os contos de Álvaro Cunqueiro protagonizados por animais não apresentam títulos que antecipem tal condição. À excepção do conto «El gallo de Portugal», que adiante comentarei em estreita conexão com o conto «Tenório», de Torga, os títulos identificam tipos humanos de procedência rural: «Escola de Menciñeros», «Xente de aquí e de acolá» e «Os outros feirantes». Todavia, são com frequência os animais que protagonizam as narrativas breves do escritor galego.

Em «Escola de Menciñeros», a secção significativamente intitulada «Novidades do mundo e fauna máxica» apresenta um breve resumo inicial, que me permito transcrever: «Van por xunto aquí os animás que hai i os que non hai, pro véñse igual, ou escóitanse, ou sábense os feitos i o que dixeron en algunha ocasión famosa. Toda zooloxía pantástica forma parte da revelación do mundo ó home, ser tan estrano, que é ben sabido que saca de dentro dil todo o que olla, e nin se sabe cando soña» (Cunqueiro, 1983: 105).

Embora o título da secção aponte para um universo fantástico, ou seja, povoado de animais imaginários, a reflexão que se lhe segue e que porventura pretende sintetizar o conteúdo dos dezasseis micro-contos não estabelece uma distinção inequívoca entre a realidade —«animás que hai»— e a fantasia —«os que non hai».

Cunqueiro dilui deste modo a fronteira entre o verosímil e o inverosímil, o universo realista, de factos reais, e o universo fantástico, de episódios e personagens imaginários. Por outro lado, acentua o papel dos animais fantásticos no acesso humano ao conhecimento. Os contos desta secção mostram, de facto, que os homens podem aprender com os comportamentos dos animais.

O conjunto de micro-contos pode dividir-se em dois grupos, cumprindo assim a divisão estabelecida pelo narrador no texto de abertura: de um lado, surgem animais reais —por exemplo, o lobo, a galinha, o cuco; do outro, animais fantásticos, mas cujos comportamentos traduzem prerrogativas tradicionalmente associadas exclusivamente aos humanos —por exemplo, o gatipedro, o tordavisco, o murigante e o bolimarte.

O esbatimento de fronteiras entre a realidade e a fantasia é também conseguido, em vários textos, pela atribuição do relato a um outro narrador. Cunqueiro assume com frequência a posição de ouvinte de diversas histórias, cujo emissor (um conhecido, um vizinho ou um amigo) adquire um estatuto de autoridade enunciativa de uma diegese passível de ser tomada como verosímil ou mesmo verdadeira. É o que se passa, entre outros, nos contos «O lobo» —«Díxomo isto Penelas do Couto» (*idem*, 105)— e «O golpe» —«O Señor Cordal tenme dito» (*idem*, 106).

Noutros micro-contos, é uma voz popular anónima, a de conterrâneos do narrador, que partilha o conhecimento de remotas histórias de animais fantásticos: em «O Murigante», lê-se: «Fálase moito do murigante na Terra de Miranda,

nista miña provincia de Mondoñedo» (*idem*, 111); nos contos «Sorisco falador» e «O corvo branco», são também citados observadores impessoais do imaginário animal —«Quen o viu asegura que Sorisco terá o tamaño dunha botella de coñac» (*idem*, 115); «Este corvo branco veuse no Valedouro fai algús anos, na parroquia de Budián. Tódolos da parroquia o viron, menos o crego» (*idem*, 117).

Assim, a voz do narrador deixa de se fazer ouvir para deixar que se pronunciem personagens populares, com as quais aquele mantém uma estreita intimidade, o que, em última análise, demonstra a afectividade de Cunqueiro pelos tipos humanos que povoam o seu território de nascimento.

A humanização dos animais, nos contos de Cunqueiro como nos de Torga, está profundamente enraizada na própria cultura popular, cujo entendimento parece tornar-se incompreensível sem a aceitação de que seres irracionais assumam características humanas. Homens e animais são inseparáveis, e o título da colectânea de Torga sugere esta íntima conexão, uma vez que o substantivo «bichos» figura tanto os animais quanto os humanos.

Se em Torga a voz do narrador é onisciente, já em Cunqueiro manifesta-se, como vimos, uma preferência pela transcrição de discursos orais, aceitando o narrador que o seu papel obedece a um princípio de fidelidade, como se prova pela afirmação contida no último parágrafo que encerra esta secção de «Escola de Menciñeiros»: «Conto isto como mo contaron» (*idem*, 121). Cunqueiro insiste no valor do registo oral como veículo de transmissão da cultura popular.

Ainda que de forma sumária, comento de seguida a humanização dos animais nos contos de Cunqueiro e de Torga, procurando demonstrar que ela tem como propósitos essenciais reforçar a associação profunda animal-homem, espelhar nos animais comportamentos em geral associados ao humano e converter os animais em protagonistas de espaços ligados a tradições, a crenças e a hábitos ancestrais.

Os animais de «Escola de Menciñeiros» têm como função primordial explicitar comportamentos humanos e convicções que fazem parte da memória colectiva desde tempos imemoriais. Assim, em «A galiña», o facto do animal deixar de pôr ovos é atribuído ao encontro com um sacerdote, veiculando assim uma explicação de ateísmo assumida por alguns seres humanos: «Si unha galiña está nun camiño á esquerda e pasa un crego á dereita, a galiña deixa de poñer ovos» (*idem*, 106); o gatapedro, protagonista do micro-conto homónimo, é descrito como «un gato branco que ten na cachola un corno mouro» e terá como função explicar os

medos nocturnos experimentados por muitas crianças; o murigante, apresentado como «unha especie de esparteiro, un rato con azas, pro non voa» (*idem*, 111), poderá representar quer a curiosidade humana por contos tradicionais, quer o sentimento de gratidão que também identifica o comportamento dos seres racionais; as aparições escassas do bolimarte, «algo así como unha salamanquesa [...]». «Ten crista roxa, coma de galo, na cabeza» (*ibidem*), anunciam um eclipse solar. Este fantástico animal explicará ainda o temor do fim do mundo.

Nas descrições do murigante, do gatipedro e do bolimarte, Cunqueiro procede ainda a uma problematização das fronteiras entre o natural e o artificial. Os contos protagonizados por estes animais podem, por isso, ser interpretados como exercícios de surrealismo realizados pelo escritor galego.

A humanização dos animais apresenta-se noutros contos cunqueirianos, com especial destaque para aqueles que fazem parte das colectâneas «Xente de aquí e de acolá» e «Os outros feirantes».

Para além daqueles contos cujas narrativas se desenvolvem em diálogos entre humanos e animais —refiro-me a «Leiras do Marco» e «Os diálogos de Perrín» (de «Xente de aquí e de acolá») e «O cabalo de Alberte Merlo» (de «Os outros feirantes») —, desejaria pôr em relevo os textos dedicados à figura do corvo. Ele ocupa um lugar privilegiado nos contos de Cunqueiro e o próprio escritor tem consciência deste protagonismo, afirmando em «Soleiro en figura de corvo»: «Estas historias de corvos que falan, ou de xente que reaparez, vindo dende as chousas de outro mundo, en figura de corvo, debera poñelas todas xuntas, pro van sementadas por este libro, aquí ou acolá» (*idem*, 200).

Esta declaração desvenda também o significado dos corvos nas narrativas cunqueirianas: eles são habitualmente reencarnações de figuras humanas que morreram atormentadas por alguma questão que em vida não deixaram totalmente resolvida. A única excepção é representada pelo conto «Penedo de Rúa» (de «Escola de Menciñeiros»), no qual assistimos a um diálogo entre um corvo e um homem envolvido num processo judicial. O corvo persuade Penedo a desconfiar do seu advogado e o conselho do animal confirma as suspeitas do litigante sobre a lealdade do defensor. Deparamo-nos, portanto, com um corvo com capacidades proféticas, que são recompensadas por um homem grato. O dom do vaticínio aproxima o corvo de Cunqueiro do protagonista do conto «O corvo Vicente», que encerra a colectânea *Bichos*, de Torga.

Nos restantes contos protagonizados por corvos, Cunqueiro recupera um motivo crucial da literatura fantástica: a metamorfose. Tal motivo, figurado tanto em textos fundadores do género como naqueles que contemporaneamente nele se encaixam —*e.g.*, vários contos de Cortázar e de Jorge Luis Borges—, revela um significativo afastamento da percepção tradicional: enquanto naquela a metamorfose suscita nas personagens e nos leitores um sentimento de terror, no fantástico contemporâneo ela é naturalizada, como se lê exemplarmente no conto «Axolotl», de Cortázar.

O regresso de um morto ao universo dos vivos como corvo não desencadeia qualquer manifestação de temor nas personagens de Cunqueiro: o animal tenta solucionar problemas que os humanos não conseguiram, substituindo-se assim à acção de seres racionais. É o que acontece nos contos «O corvo branco», «Figueiras de Bouzal» e «Soleiro en figura de corvo». As três narrativas apresentam diegeses muito similares: na primeira, os habitantes de Valedouro convencem-se que o corvo era um prestamista, Pousada de Xeriz.

Na segunda narrativa, o protagonista morre sem conseguir resolver judicialmente uma petição para a anulação do testamento de um irmão, que teria deserdado os familiares, legando o seu património a uma taberneira de Castro. Figueiras apresenta-se à sua viúva em figura de corvo e reclama que ela não se deixe ludibriar pela taberneira. Acaba, todavia, por morrer. A nota humorística final é dada pelo desvelo da viúva em embrulhar Figueiras-corvo num jornal que «traguía as bases pra codificación do Dereito Foral Galego. [...] Xa ten en que pasar o tempo Figueiras, si é que sigue xurisperito» (*idem*, 187).

Em «Soleiro en figura de corvo», revela-se a mesma preocupação com assuntos materiais: Soleiro aparece à viúva, metamorfoseado em corvo, e exige-lhe que não venda umas propriedades que em vida se empenhou em conservar.

A aproximação entre os animais e os humanos, que comentei a propósito dos contos de Cunqueiro, verifica-se também nas narrativas que compõem *Bichos*, de Torga. De facto, como mostrou João Camilo (1997: 125), «Embora a colectânea se intitule *Bichos*, os homens [...] não estão de modo algum ausentes do universo destes contos». Os homens participam da condição animal e os bichos, por sua vez, são investidos, «na linha do apólogo e da fábula antiga», de atributos humanos, cuja funcionalidade é identificada pelo mesmo investigador:

O dom da reflexão e o dom da fala, a atribuição de corrente de consciência aos animais, a sua caracterização através de atitudes, pensamentos e sentimentos que os assemelham aos homens e os integram de maneira perfeita no universo do humano, retiram a estes *bichos* a qualidade de seres puramente selvagens, profundamente diferentes dos homens e seus contrários absolutos (*ibidem*).

Na colectânea de contos de Torga, o protagonismo dos animais é anunciado pelo título. Ao contrário de Cunqueiro, o escritor transmontano não faz dos seus bichos participantes de uma fauna fantástica. De resto, todos os animais da obra —o sapo, o corvo, o touro, o galo, o cão, o burro e o pardal— são reais.

Torga não investe num bestiário, mas no recurso a animais verídicos, selvagens e domésticos, dotados de sentimentos humanos. Ao longo de *Bichos*, apresenta a complexidade do ser humano na multiplicidade de sentimentos que o caracterizam: a angústia da solidão quando a morte se aproxima, vivida pelo cão Nero; a sabedoria do conhecimento e do respeito pela Natureza, traduzida pelo sapo Bambo; a incompreensão da violência humana, expressa no touro Miura; a alienação da liberdade, sentida pelo gato Mago num conto que se opõe simetricamente à luta inabalável pela liberdade que leva o corvo Vicente a criar um conflito com o próprio Deus, recusando a Arca de Noé e a submissão que ela impõe aos restantes animais da Criação; a dor do abandono experimentada pelo burro Morgado, entregue pelo dono à sua sorte num ataque de lobos; a alegria do canto da Cega-Rega.

Através dos diversos animais que preenchem os espaços de *Bichos*, Torga apresenta aos humanos um conjunto de valores e uma cosmovisão humanista, por vezes desolada. Assim, o cão Nero pode simbolizar o desamparo que muitas vezes acompanha a velhice; o gato Morgado pode ser tomado como representação alegórica da cedência humana ao comodismo, à passividade e à abdicação do esforço, ao passo que o corvo Vicente é a imagem da luta sem tréguas daqueles humanos que defendem causas, em particular a da liberdade; o sapo Bambo metaforizará o apelo torguiano a um olhar atento da Natureza; a Cega-Rega simbolizará a glorificação do labor poético.

Este conjunto de sentimentos e de comportamentos dos bichos concorre para converter os contos de Torga numa «exemplaridade [...], cuja finalidade é descrever ou pintar a complexidade da alma humana, num discurso existencialista, profundamente humanista» (Camlong, 2007: 27).

3. DOS LUGARES

Num ensaio sobre *Bichos*, afirma Elias Torres Feijó (2007: 60): «As palavras, os lugares, as personagens [...], a marcação dos tempos e as épocas, a natureza, a paisagem, a ordenação social, a disposição do território e dos habitats domésticos, etc. têm referentes reais e próprios dum espaço geo-humano determinado: o rural nortenho de Portugal».

Esta observação, que salienta o circunstancialismo geográfico da colectânea de contos torguiana e o modo como ele condiciona comportamentos humanos, é passível de aplicação cabal aos contos de Cunqueiro: identificam-se neles espaços rurais, registos linguísticos próprios e personagens reais da Galiza. Tal imbricação é também um elemento que contribui para atenuar as fronteiras entre a realidade e a fantasia ou para fabricar, nas narrativas dos dois escritores, um «realismo mágico».

A rusticidade das narrativas remete para um universo primigénio que exerce idêntico fascínio sobre os dois escritores.

Julgo, por isso, que Cunqueiro e Torga constroem narrativas susceptíveis de pertencerem ao género «neo-fantástico», expressão cunhada por Jaime Alazraki a propósito de variados contos de Julio Cortázar. O escritor argentino afirmou por diversas vezes que o fantástico da literatura latino-americana não é um produto da actividade do escritor; ele encontra-se umbilicalmente presente na vida da América Latina, é uma espécie de «realismo fantástico», porque faz parte das próprias experiências quotidianas destas populações. A sua visão do mundo, herdada de culturas multisseculares, o seu relativo isolamento em relação aos padrões da civilização científico-tecnológica e as suas crenças ligam-se a uma concepção mágica do mundo.

De igual modo, em Cunqueiro e em Torga, «O fantástico dos contos está integrado no real das pessoas que os protagonizam» (*idem*, 70). E, poderemos acrescentar, esse fantástico está também integrado na realidade dos lugares, partilhados por animais e homens.

Por consequência, a fronteira tradicional entre os mundos animal e humano é superada nos dois escritores. Nos contos galegos, os animais aparecem com frequência a dialogar com os humanos instruindo-os, aconselhando-os e dando-lhes ordens que esperam ver cumpridas. São as próprias personagens humanas dos

contos que diligenciam a humanização dos animais: assim, o murigante «ten ollos mui humáns» (Cunqueiro, 1983: 111); o corvo que aconselha o litigante Penedo de Rúa no conto homónimo de «Xente de aquí e de acolá» é por este caracterizado como «un corvo mui humano» (*idem*, 169); também o corvo em que se transforma Soleiro, do conto «Soleiro en figura de corvo», exige à viúva que não venda património familiar e é ouvido pelo vizinhos a «berrar com «voz humán» (*idem*, 202); o cavalo do conto «O cavalo de Alberte Merlo» (de «Os outros feirantes») tem «voz humana» (*idem*, 311) quando inicia um diálogo com Alberte.

Os animais dos contos torguianos são também dotados de atributos que os indistinguem dos seres racionais. Nos seus pensamentos surgem expressões que qualificam os humanos: o cão Nero defende a sua valentia e o seu repúdio por situações violentas com outros animais pensando que «Se acontecia ver-se metido nelas, batia-se ali como um homem, até que as coisas ficassem esclarecidas» (Torga, 2010: 16). Pouco antes de morrer, o velho cão proclama: «Saiba um homem respeitar-se» (*idem*, 18).

O gato Mago sabe que é incapaz de abdicar do conforto de animal doméstico acarinhado pela dona, mas não pode deixar de lamentar a sua fraqueza, dizendo: «A que baixeiras a gente pode chegar!» (*idem*, 19).

O sapo Bambo foi crescendo «sem pressas [...], até se fazer o homem que depois era, largo, grosso, atarracado» (*idem*, 41).

O galo Tenório refere-se às galinhas do seu território como «quinze mulheres no harém» (*idem*, 51) e, apesar da concorrência do jovem filho, conclui que «o mulheredo continuava a aninhar-se mal o via dar meia volta sobre a asa, e ainda nenhuma se queixara de falta de assistência» (*idem*, 52).

Não creio que se possa concluir destas observações textuais que os narradores procurem exprimir qualquer anseio dos animais pela partilha de atributos humanos; o que elas revelam é uma concepção ética do mundo, que desvanece fronteiras convencionais entre a racionalidade e a irracionalidade.

4. DA PARÓDIA

Não poderia concluir esta comunicação sem proceder a uma aproximação de dois contos que Álvaro Cunqueiro e Miguel Torga dedicaram à recriação paródica do mito literário de Don Juan. Refiro-me a «El gallo de Portugal», narrativa breve originalmente publicada por Cunqueiro em galego (1957), e a «Tenório», um dos contos da colectânea *Bichos* de Torga.

A desmitificação de Don Juan (mito do Individualismo moderno criado pela literatura espanhola do *Siglo de Oro*) é conseguida nos dois escritores pela humanização de um animal, o galo. Se em língua espanhola «galo» pode significar um homem vaidoso e destemido, em português tais acepções existem também para designar um homem presunçoso que propala publicamente as suas conquistas amorosas e eróticas. Todavia, a humanização do galo supõe também uma zoomorfização do conquistador.

Se Cunqueiro opta pelo motivo da metamorfose —de resto, um dos *topoi* cruciais da literatura fantástica—, convertendo um celebrado conquistador português, Esmeraldino da Cámara Mello de Limia, em galo sedutor das galinhas da abadia de Meira, Torga prefere descrever a existência de um galo, cuja reputação é indiscutível até à chegada de um rival mais jovem e da ameaça que ele representa à soberania do pai sobre as fêmeas do galinheiro.

A descrição do cativante português, antes da metamorfose, e a do galo Tenório apresentam elementos idênticos: Esmeraldino é caracterizado como o mais belo homem de Portugal no seu tempo, com um olhar triste de grandes e negros olhos que fascinavam as mulheres; no galo Tenório destacam-se atributos de beleza física invejável: «as penas doiradas que lhe almofadavam o peito, e postiços de esporões que, desvanecidos, via crescer dia a dia nas pernas lisas e musculadas» (Torga, 2010: 49).

Identicamente admirados e invejados pela sua reputação de sedutores, Esmeraldino e Tenório são sujeitos àquilo que, em termos donjuanescos, pode interpretar-se como um castigo reparador da moralidade pública. A metamorfose do protagonista cunqueiriano ocorre pouco depois da atribuição da alcunha «galo de Portugal», cujo propósito é o reconhecimento público das façanhas conquistadoras.

Já na sua nova condição de galo, Esmeraldino apresenta um aspecto muito próximo do protagonista do conto torguiano: «Y en aquel mismo instante don Esmeraldino se puso rojo, amarillo, rompió como cohete, y se convirtió en gallo: en un gallo muy hermoso y logrado de cresta y rabilargo, que voló de un balcón a otro» (Cunheiro, 1990: 143). O galo Esmeraldino morrerá, todavia, de uma forte constipação.

Em Torga, assiste-se a uma morte simbólica do galo Tenório: o jovem filho substitui o pai nos afectos das galinhas e antecipa o fim do progenitor como prato suculento à mesa dos proprietários.

A construção dos dois relatos revela, no entanto, uma diferença fundamental: Cunheiro parte de um facto realista para a composição de um episódio fantástico, o da transformação do humano em animal. Torga abdica da notação realista, preferindo o protagonismo do animal, muito embora crie alguma ambiguidade pela referência ao *mulherio* que se deixava fascinar pelo galo.

5. CONCLUSÃO

Álvaro Cunheiro e Miguel Torga foram escritores multifacetados, com percursos que tocaram diversos géneros literários, assim como o ensaio. A narrativa breve ocupa um lugar cimeiro no conjunto da produção literária dos dois escritores e julgo que ela permite demonstrar uma idêntica atracção pelo conto, quer oral, quer escrito.

Os animais que habitam contos de Cunheiro e de Torga traduzem atitudes, virtudes e defeitos humanos. A antropomorfização, presente ao longo de todas as narrativas dos *Bichos* torguianos, revela-se nos títulos que identificam nomes próprios dos animais. Tal reconhecimento singulariza seres irracionais e confere valor aos seus pensamentos e reacções humanos¹. Com efeito, o simples facto de outorgar nomes aos animais contribui de modo decisivo para os dotar de individualidade.

Para além da aproximação entre os dois escritores, que procurei fazer sumariamente a partir de narrativas breves e do lugar nelas atribuído à humanização

1 Cf. Losada Soler, 1994: 272.

dos animais, poder-se-ia ainda ponderar a atenção de Cunqueiro e de Torga ao país vizinho. Tendo consciência de que esta seria matéria para outra reflexão, não gostaria de concluir sem referir que Álvaro Cunqueiro dedicou diversos textos ensaísticos a escritores e estilos epocais portugueses.

Por sua vez, Miguel Torga produziu no Diário uma observação que revela um claro encantamento pela cultura espanhola no seu todo: «Sou um português hispânico. Nasci numa aldeia transmontana, mas respiro todo o ar peninsular. Cioso da minha pátria cívica, da sua independência, da sua História, da sua singularidade cultural, gosto, contudo, de me sentir galego, castelhano, andaluz, catalão, asturiano ou vasconço nas horas complementares do instinto e da mente» (Torga, 1999: 10).

O fascínio de Álvaro Cunqueiro pela sua terra natal é, creio, muito idêntico ao que levou Miguel Torga, de novo no Diário, a inspirar-se em Pontevedra para escrever um madrigal dedicado à Galiza: «Minha Galiza de perfil bonito, / Órfã de pátria num asilo austero; / Só por seres portuguesa é que te quero, / E por seres castelhana te acredito» (*idem*: 120).

Em Cunqueiro, cujo primeiro centenário de nascimento se celebra este ano, e em Torga, que nasceu apenas quatro anos antes do escritor galego, encontramos dimensões éticas e humanas da Literatura, e visões perspicazes da complexidade da condição humana.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMILO, João: «Homens e bichos. A questão do ‘humano’ em alguns contos de Miguel Torga», en AA. VV., *Sou um Homem de Granito. Miguel Torga e seu compromisso*, Lisboa, Edições Salamandra, 1997, pp. 125-144.
- CAMLONG, André: «A exemplaridade do conto de Miguel Torga», en AA. VV., *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi*, Universidade Fernando Pessoa, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007, pp. 27-40.
- CUNQUEIRO, Álvaro: *Semblanzas III*, Vigo, Editorial Galaxia, 1983.
- CUNQUEIRO, Álvaro: «El gallo de Portugal», en *Merlín y familia*, 4ª edición, Barcelona, Ediciones Destino, 1990, pp. 139-146.
- LOSADA SOLER, Elena: «De Bichos e outros animais (en la literatura catalana)», en AA. VV., *Aquí neste lugar e nesta hora. Actas do Primeiro Congresso Internacional sobre Miguel Torga*, Universidade Fernando Pessoa, Edições Universidade Fernando Pessoa, 1994, pp. 263.273.
- TORGA, Miguel: *Diário. Vols. I a VIII*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1999.
- TORGA, Miguel: *Bichos*, 4ª edição, Lisboa, Leya, S.A., 2010.
- TORRES FEIJÓ, Elias: «As leituras de *Bichos*: diferentes códigos culturais para apreender o mundo», en AA. VV., *A minha verdadeira imagem está nos livros que escrevi*, Universidade Fernando Pessoa, Edições Universidade Fernando Pessoa, 2007, pp. 57-72.